

Treinamento sobre Modelos de Entrega de Conteúdo

Templo Batista Bíblico de São José dos Campos

Paulo Henrique Tavares.

2024

Sumário

I – Introdução.....	3
A – O treinamento.....	3
B – O grupo.....	3
C – Objetivos:.....	3
D – Meditação inicial:.....	4
II – OS QUATRO MODELOS.....	5
A – O que são modelos?.....	5
B – Modelos e necessidades.....	5
C – A aplicação dos modelos.....	6
D – Os papéis em cada modelo.....	6
E – Posso alterar os modelos?.....	8
III – CONCEITOS DENTRO DOS MODELOS.....	10
A – Estudo.....	10
B – Reflexão.....	12
C – Devocional.....	13
D – Resumo dos aspectos e modelos.....	14
IV – A POSTURA NA ATUAÇÃO DO ORADOR.....	16
A – A representação.....	16
B – Visual.....	16
V – A LINGUAGEM NA ATUAÇÃO DO ORADOR.....	19
A – Erros a serem evitados.....	19
B – Cuidados a serem tomados.....	25
VI – OS MODELOS APLICADOS.....	29
A – Reflexão devocional.....	29
B – Estudo devocional.....	35
C – Aula didática.....	39
D – Pregação.....	41
APÊNDICES.....	50

I – Introdução.

A – O treinamento.

Este não será um curso convencional sobre homilética, oratória ou didática. Em vez disso, serão oferecidas aulas estruturadas com ênfase na distinção e definição das ações, na preparação dos participantes e na relevância do conteúdo para aqueles que assumirão papéis de transmissão de conhecimento nas atividades ministeriais da igreja, tudo isso através da exploração de conceitos fundamentais presentes nessas áreas específicas.

B – O grupo.

O grupo foi escolhido com muito cuidado, considerando vários critérios diferentes. Alguns dos participantes já têm experiência em ações ministeriais, e já demonstraram habilidades e comprometimentos em situações semelhantes. Outros foram escolhidos porque já ocupam papéis específicos atendendo a demanda em alguns setores, enquanto outros se voluntariaram para assumir responsabilidades no futuro.

Embora, a permanência no grupo seja por fins e razões distintas, é muito importante que todos estejam dispostos a atender as necessidades quando aparecerem as oportunidades, garantindo assim a harmonia e a eficácia nas ações ministeriais da igreja.

C – Objetivos:

- Estimular a importância e a aplicação do preparo dos ministros.
- Apresentar modelos de entrega para atender às necessidades internas.
- Delimitar os modelos de entrega para orientar os ministérios.
- Demonstrar a construção detalhada das etapas dos modelos de entrega.
- Oferecer orientações sobre a prática de homilética, oratória e didática na entrega.

D – Meditação inicial:

2Tm 4.1-2 “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.”

1 – O papel do cristão diante da Palavra. <ul style="list-style-type: none">• Todo cristão é um pregador da Palavra.• Todo cristão tem a responsabilidade de pregar.	Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino:
2 – A missão do cristão diante da Palavra. <ul style="list-style-type: none">• Nenhum cristão tem a opção de não pregar.• Nenhum cristão tem desculpa para não pregar.	[...] prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não,
3 – O papel do cristão diante do próximo. <ul style="list-style-type: none">• Todo cristão é uma mensagem da verdade.• Todo cristão tem o dever de repreender o erro.	[...] corrige, repreende,
4 – A missão do cristão diante do próximo. <ul style="list-style-type: none">• Nenhum cristão deve pregar sem amor.• Nenhum cristão deve amenizar o que prega.	[...] exorta com toda a longanimidade e doutrina.

II – OS QUATRO MODELOS.

Os quatro modelos que serão apresentados foram selecionados por serem úteis para atender às necessidades atuais dos ministérios e atividades relacionadas em nossa igreja. É importante destacar que, embora esses modelos sejam úteis para o nosso contexto específico, eles não representam as únicas formas disponíveis, nem devem ser tratados como formas rígidas. Mesmo internamente, podemos modificar as ações conforme necessário no futuro. Além disso, cada comunidade e contexto pode exigir abordagens diferentes e adaptadas às suas próprias necessidades e circunstâncias. Portanto, nunca devem ser considerados como modelos fundamentais fora desse contexto.

A – O que são modelos?

Um modelo é uma representação simplificada ou uma descrição abstrata de um aspecto do mundo real, como um sistema, processo, conceito ou objeto. Sua finalidade é facilitar a compreensão, explicação ou previsão do comportamento e características desse aspecto em questão. Um modelo pode assumir várias formas, como uma representação matemática simplificada, um diagrama esquemático, uma ilustração visual, um conjunto de regras ou princípios, ou até mesmo uma simulação computacional.

O propósito que buscamos aqui é desenvolver quatro sistemas simplificados de entrega de conteúdo que atuem como padrões a serem adotados pelos agentes atuais, facilitando tanto a manutenção quanto a disseminação da ação. O modelo servirá como um guia instrucional para que o agente se prepare e realize a ação, ao mesmo tempo em que possibilita sua avaliação e a avaliação daqueles que seguirem adiante.

B – Modelos e necessidades.

A dinâmica das nossas atividades eclesiais atuais requer quatro maneiras distintas de transmitir conteúdo. A primeira delas é a homilia, que se caracteriza pelo sermão proferido durante o culto. Neste contexto, chamaremos esse discurso de **pregação**. Essa estrutura pode igualmente ser empregada em eventos nos quais a natureza da comunicação exige tal formato, podendo até ser denominada de palestra.

A segunda maneira de entrega de conteúdo é a **aula didática**. Neste formato, o educador utiliza métodos expositivos, práticos ou interativos para compartilhar conhecimentos, conceitos, habilidades ou informações sobre um determinado tema. Isso ocorre dentro de um sistema de ensino cuidadosamente estruturado e didático, projetado para facilitar a compreensão e a absorção do conteúdo pelos

alunos em sala de aula. A aplicação desse formato é pertinente ao **NEB** (Núcleo de Estudos Bíblicos), que geralmente ocorre aos domingos pela manhã.

A terceira maneira de entrega de conteúdo é o **estudo devocional**. Como o próprio nome sugere, este método abrange duas facetas distintas: uma abordagem expositiva e argumentativa a respeito de um tema, e uma aplicação prática que fomenta a reflexão e a devoção espiritual. Embora um formato possa inclinar-se mais para uma dessas facetas, é crucial que nunca ignore completamente a outra, buscando sempre, quando possível, um equilíbrio harmonioso entre ambas. A aplicação desse modelo atende aos grupos de estudos setorizados, como, por exemplo, o **encontro de jovens**.

A quarta forma de entrega de conteúdo é a **reflexão devocional**. Nesse caso, a ação envolve extrair uma lição já conhecida ou estudada, resumi-la e, em seguida, confrontar o ensinamento com a realidade. Por meio dessa reflexão, com a interação dos envolvidos, busca-se estimular uma prática espiritual individual. A aplicação desse formato atende aos grupos de interação livre, como, por exemplo, as reuniões de **koinonias**.

C – A aplicação dos modelos.

Compreender cada necessidade e método de entrega de conteúdo é fundamental, pois isso contribui para a formação de uma comunidade harmoniosa e complementar. A falta de clareza e diferenciação no sistema pode resultar em **conflito, redundância e negligência**, prejudicando o funcionamento eficaz da comunidade.

Conflitos surgem quando uma abordagem uniforme é repetidamente aplicada em todos os encontros, levando a discordâncias nas expectativas dos líderes. Isso pode comprometer a compreensão do culto, onde a reverência para ouvir o sermão pode ser confundida com a informalidade de um encontro voltado para a reflexão. Da mesma forma, a falta de interação durante o culto pode ser transferida para um ambiente onde a interação é crucial para a reflexão. Assim, a repetição excessiva esgota um formato, ao mesmo tempo em que negligencia automaticamente outro.

D – Os papéis em cada modelo.

Cada indivíduo pode desenvolver uma variedade de formatos, porém, é essencial que compreenda claramente o papel único que deve desempenhar em cada um deles. Isso requer uma compreensão profunda das nuances e das expectativas específicas associadas a cada contexto.

Na **pregação**, o pregador assume o papel central, atuando como um orador proeminente perante uma audiência que o escuta com reverência. Ele apresenta um conteúdo previamente preparado e estruturado, de forma completa, transmitindo-o de forma enfática e persuasiva. Cada reflexão é cuidadosamente

proposta e articulada pelo pregador, que também oferece respostas às questões levantadas. Os ouvintes são conduzidos por uma jornada de convicção, guiados pela eloquência e convicção do pregador, que os inspira a aceitar e adotar a mensagem pregada como verdadeira.

Na **aula didática**, o professor assume o papel principal como o orador que lidera as explanações sobre um tema em particular. Os alunos, por sua vez, desempenham o papel de ouvintes ativos, engajando-se com as explicações do professor para adquirir compreensão sobre o assunto abordado. O professor não apenas transmite conhecimento, mas também atua como um guia, estimulando um raciocínio argumentativo entre os alunos. Nesse contexto, os alunos são incentivados a participar ativamente, respondendo às questões colocadas pelo professor e contribuindo para discussões que enriquecem o aprendizado coletivo. Essa interação entre professor e alunos promove uma atmosfera de aprendizado colaborativo, onde o conhecimento é construído e aprofundado através do diálogo e da troca de ideias.

No **estudo devocional**, o líder desempenha o papel de um mentor, guiando os ouvintes para compreenderem o tema e estabelecerem uma conexão pessoal com ele. Ele habilmente equilibra a apresentação do conteúdo com sua relevância prática na vida dos ouvintes, atuando como instrutor ao orientar a compreensão do tema e, simultaneamente, envolvendo-se pessoalmente na sua aplicação. Os ouvintes não apenas participam ativamente na construção das discussões propostas, mas também se comprometem de forma ativa na sua aplicação prática em suas vidas cotidianas.

Na **reflexão devocional**, o orador assume o papel de um ouvinte exemplar, pronto para mergulhar em profunda contemplação. É imperativo que o orador compartilhe a mesma afinidade com o conteúdo que os ouvintes, pois a reflexão é um processo mental que requer ponderação minuciosa e reflexão cuidadosa sobre temas, ideias, experiências ou situações. Nesse contexto, o orador não introduz o tema em si, mas ressalta a sua significância na espiritualidade devocional. Durante a reflexão, os ouvintes participam ativamente, seguindo atentamente o orador e engajando-se no mesmo processo de reflexão. Na aplicação prática, voltada para nutrir a devoção espiritual, tanto o orador quanto os ouvintes assumem uma postura ativa ao demonstrar como a relevância do tema discutido pode influenciar positivamente sua prática devocional diária.

MODELOS	NECESSIDADE ATENDIDA	PAPEIS
Pregação	Culto sabático	<ul style="list-style-type: none"> • O orador é o pregador. • Ocupa o papel central. • O orador é ativo e imperativo. • Os ouvintes são passivos e reverentes.
Aula didática	Núcleo de Estudos Bíblicos – NEB	<ul style="list-style-type: none"> • O orador é o explicador. • O orador é o guia dos alunos. • O ouvinte é um aluno. • O ouvinte é ativo em seguir o raciocínio.
Estudo devocional	Encontro de Jovens	<ul style="list-style-type: none"> • O orador é um mentor. • O orador instrui e se envolve na aplicação. • O ouvinte é aluno na construção do estudo. • O ouvinte é ativo na aplicação devocional.
Reflexão devocional	Koinonias	<ul style="list-style-type: none"> • O orador é um ouvinte exemplar. • O orador é ativo ao estimular a reflexão. • O ouvinte é ativo na interação da reflexão. • O ouvinte é ativo na aplicação.

E – Posso alterar os modelos?

As primeiras motivações para aderir aos modelos já foram expostas, no entanto, existem ainda mais alguns motivos para segui-los e manter-se fiel a esses padrões.

1 – A forma só deve ser alterada por aqueles que a dominam completamente.

Somente os mestres têm permissão para modificar a forma. Essa máxima se aplica em diversos contextos e situações. Se a comunicação é considerada uma forma de arte, ela pode ser sujeita a ajustes, porém apenas por indivíduos que dominam completamente os fundamentos. Por "fundamentos" não se entende simplificação, mas sim os pilares que sustentam os conceitos e alcançam os objetivos desejados. Mesmo que se tenha a capacidade de fazer uma alteração, é essencial questionar se deve executá-la.

2 – A forma só deve ser modificada quando representar uma evolução dos princípios fundamentais.

Quando se alcança a maestria na forma, a modificação só é justificada quando não compromete a integridade dos elementos essenciais e fundamentais. A mudança ocorrerá na técnica, preservando o propósito original. Nesse sentido, a evolução deve ser gradual e criteriosa, pois quanto mais próximo dos fundamentos estivermos, mais fácil será garantir a excelência na execução. Mesmo possuindo a habilidade e os recursos para efetuar uma alteração, é crucial questionar se tal mudança é realmente necessária.

3 – A forma só deve ser alterada quando se tratar de uma variação significativa.

É uma regra de ouro nunca alterar a forma básica se não for desempenhar a função regularmente. Se a variação notória tem como objetivo quebrar um hábito arraigado e permitir a expressão criativa do praticante, isso só será alcançado com uma prática regular que justifique a mudança. A regularidade não impõe a alteração da forma, mas justifica uma evolução natural, ainda assim, se ocorrer, deve estar sujeita a um monitoramento cuidadoso. Se a tarefa for realizada de forma esporádica, é um erro não seguir o modelo estabelecido. No entanto, se for realizada regularmente, não se deve assumir que isso justificará eventuais erros.

III – CONCEITOS DENTRO DOS MODELOS.

Os quatro modelos carregam consigo elementos que, ao mesmo tempo, os conectam e os distinguem. Cada um desses modelos é dotado de características intrínsecas, as quais não apenas conferem singularidade, mas também fundamentam sua própria existência. Essas características únicas não só definem a identidade de cada modelo, mas também delimitam seus limites e fronteiras.

A – Estudo.

Um estudo é uma investigação sistemática, cuidadosamente planejada e conduzida, realizada com o objetivo de adquirir conhecimento sobre um determinado assunto. Envolve a coleta e análise de dados, apresentação de fontes da literatura existente, a formulação de hipóteses, experimentação, observação ou outros métodos, dependendo da natureza do estudo e dos objetivos específicos.

1 – O estudo e existência do tema.

Todas as vezes em que é necessário compartilhar conhecimento, o estudo se faz presente de uma forma ou de outra. O centro de toda proposta de conhecimento, chamaremos de “tema”.

Um tema é um tópico, assunto ou ideia central que serve como foco de discussão, análise, exploração ou expressão em um contexto específico. Ele pode centralizar todo o discurso ou aula, mas também se refere à centralização de partes ou detalhes dentro do discurso.

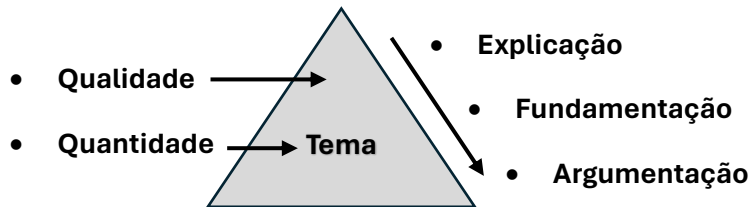
2 – O estudo e a relação com o tema.

Se um tema existe, é possível perceber a presença do estudo. Ele se faz presente nas apresentações das seguintes formas:

- **Presença de um tema/ideia.**
- **Explicação do tema/ideia.**
- **Fundamentação do tema/ideia.**
- **Argumentação do tema/ideia.**

3 – A percepção do estudo na apresentação do tema.

Observe o gráfico e preste atenção na ordem e na distribuição das ações diante das demandas presentes em apresentações. Quando um tema é apresentado, ele exige a presença do estudo. Tal presença se manifestará de modo variado, adaptando-se à exigência dos ouvintes e à complexidade inerente ao tema apresentado.



Um **tema complexo** é aquele que se caracteriza por seu potencial de dificuldade de compreensão instantânea, demandando uma base mais sólida ou uma argumentação mais substancial. Diante de um tema complexo, cabe ao orador antever quais aspectos requerem maior elaboração, seja em termos de qualidade ou de quantidade.

Os **ouvintes confiantes** são aqueles que já possuem certo conhecimento prévio sobre o tema abordado e estão de acordo com ele. Nessas circunstâncias, a exigência por qualidade e quantidade de informação durante o processo de apresentação tende a ser reduzida.

Os **ouvintes suspeitos** são aqueles que, de antemão, encontram-se distantes do tema em questão ou estão desconectados com ele. Nesse contexto, o tema será inicialmente acolhido com estranheza, e surgirá a demanda por uma apresentação que ofereça tanto quantidade quanto qualidade no processo.

4 – A escolha de temas.

Em cada modelo, há uma previsão distinta para a aquisição e introdução ao tema, delineando a relação específica que o orador estabelece com ele.

O modelo de **reflexão devocional**, destinado às koinonias, tem como ponto de partida um tema predefinido. É frequente que este tema seja extraído das apresentações ouvidas durante o culto sabático. Nessa circunstância, o estudo já se encontra completo, abrangendo não apenas o tema em si, mas também suas explicações, fundamentos e argumentações. Ao proponente da reflexão, cabe o papel de orador dirigente, incumbido de registrar notas referentes ao tema central, bem como todas as ideias que queira enfatizar ao propor a reflexão.

O modelo de **estudo devocional**, destinado aos encontros etários, como os direcionados aos jovens, emerge a partir da visão de uma liderança intencional formada por um conjunto de líderes. A seleção do tema é objeto

de debate, e antes da apresentação, deve incorporar o tema central, bem como objetivos e proposições claramente delineados.

O modelo de **aula didática**, tal como ilustrado anteriormente, está sujeito à direção deliberada, neste caso, pela liderança pastoral.

Quanto ao **modelo de pregação** a ser empregado no culto sabático, ele pode seguir três caminhos distintos. O primeiro caminho concede ao orador responsável a liberdade para escolher o tema a ser abordado. O segundo caminho é determinado por uma liderança deliberada, que pode sugerir um tema a ser exposto. Por fim, o terceiro caminho é delineado pela participação compartilhada em um tema sequencial.

5 – O cuidado nas escolhas de temas.

Todos somos oradores dentro de uma esfera eclesiástica; pelo menos esse treinamento se destina a isso. Nesse contexto, cabe à organização eclesiástica confiar ao ministério pastoral a responsabilidade oficializada pelo conteúdo. Consciente dessa incumbência, o ministério pastoral deve, por sua vez, guiar os ministérios a fim de assegurar uma harmoniosa integração no ensino departamentalizado.

Nesse sentido, o conselho para todos é: mantenham-se sempre dentro dos limites seguros estabelecidos pela direção geral. Não permitam que os interesses pessoais dominem suas ações no coletivo. Individualmente, se você está atuando regularmente, é natural que queira explorar caminhos próprios, porém, é crucial exercer vigilância para evitar a criação de comunidades paralelas. Se você não está envolvido regularmente, concentre-se na qualidade do tema em vez de priorizar sua criatividade.

B – Reflexão.

Reflexão é o ato de ponderar, pensar ou meditar profundamente sobre um assunto, evento, experiência ou ideia. Envolve a análise crítica e a consideração cuidadosa de diferentes aspectos, perspectivas e consequências relacionados ao tema em questão.

1 – A reflexão, o orador e os ouvintes.

A reflexão é uma valiosa ferramenta nas mãos do orador, agindo para conectar profundamente os ouvintes ao tema em discussão. Ao instigar questionamentos internos, o orador não apenas desperta a mente dos ouvintes, mas também os guia por um caminho de autoindagação e análise crítica.

2 – O objetivo da reflexão.

O propósito da reflexão é assegurar um entendimento pleno do tema abordado, promovendo uma compreensão aprofundada dos elementos essenciais e desvendando suas nuances e complexidades. Por meio da reflexão, o orador deve estimular as habilidades intelectuais, não apenas para que os ouvintes absorvam conhecimento, mas também para que sejam capacitados a ampliá-lo, indo além da mera contemplação.

3 – A reflexão e o tema a ser refletido.

Na **pregação**, o pregador é responsável por expor o tema (ideia) e, ao mesmo tempo, levar seus ouvintes a refletirem sobre ele, porém de forma passiva, uma vez que o pregador não contará com a participação ativa dos ouvintes.

Na **aula didática**, de maneira geral, a reflexão se apresenta como uma ferramenta variável, podendo não ser empregada em todas as ocasiões. No entanto, é incumbência do professor, conforme a natureza do tema, introduzir reflexões que se mostrem pertinentes em seus objetivos educacionais. Dentro do escopo de nosso treinamento específico, entretanto, o modelo estabelece que o professor não apenas introduza reflexões, mas também fomente a interação dos alunos, com o intuito de conectá-los de forma mais profunda ao assunto em estudo.

No âmbito do **estudo devocional**, a reflexão desempenha o papel de uma ponte, conectando o tema explorado com a prática que levará à devoção. Dentro desse cenário, o orador se encontra em uma posição propícia para estimular reflexões, aproveitando a interação com os ouvintes.

Na **reflexão devocional**, como o próprio título evoca, o orador não carece de construir uma ponte; em vez disso, ele pode iniciar a partir da reflexão para conduzir as aplicações que levarão à devoção.

C – Devocional.

Devocional é um termo empregado no contexto eclesial para designar atividades que promovem a espiritualidade como um componente fundamental do compromisso com a fé. Estas práticas têm como objetivo enriquecer o caráter do devoto, aquele que é dedicado à sua crença. Elas transcendem a mera obediência às diretrizes bíblicas, procurando contribuir para o crescimento espiritual e fortalecer a comunhão com Deus.

1 – O aspecto devocional.

Conforme delineado na definição acima, de modo geral, todas as atividades eclesiais que compartilham algum tipo de conteúdo devem, em certa medida, ter a devoção como objetivo primordial. Contudo, é importante ressaltar que ter a devoção como meta não implica necessariamente que seja uma atividade exigida durante a entrega do conteúdo.

2 – O devocional e a reflexão.

Se a reflexão promove a interação interna dos ouvintes com o conteúdo, o aspecto devocional depende totalmente dela. O aspecto devocional exige a presença da reflexão para se tornar atuante. Alguém pode refletir apenas para aprofundar a compreensão do tema, sem que isso exija necessariamente um compromisso devocional. No entanto, o compromisso devocional surge somente quando a reflexão é realizada para alcançar essa exigência.

3 – O devocional e os modelos de entrega.

Os modelos **da pregação**, do **estudo devocional** e da **reflexão devocional** requerem fundamentalmente essa característica. A falta dela representa uma desvirtuação do propósito desses modelos. Assim como a reflexão, o aspecto devocional não é uma mera opção, mas sim um componente integral e essencial desses modelos.

No contexto da **aula didática**, conforme abordado no terceiro ponto da seção B do capítulo III, a inclusão da reflexão é uma escolha do professor. Em outras palavras, é possível que em algumas aulas o objetivo seja exclusivamente a compreensão do tema, deixando a reflexão a cargo dos alunos. Nesse cenário, caso a reflexão não esteja presente, o aspecto devocional não se faz necessário. No entanto, quando o professor incorpora a reflexão em suas práticas didáticas, e esta, por sua vez, indica um compromisso ou qualquer exigência que incite uma resposta por parte do aluno, surge a necessidade do aspecto devocional.

D – Resumo dos aspectos e modelos.





O ato de estudar é uma jornada que visa o conhecimento, equiparando-se a uma etapa ou ambiente onde se adquire e acumula o saber. Por outro lado, o compromisso gerado por esse conhecimento, manifestado na forma de devoção, pode ser representado como um lugar mais elevado ou lugar distante para onde se pretender levar o conhecimento.

1 – Reflexão como uma escada ou ponte.

Na metáfora do lugar, pode-se imaginar que entre eles há um vale ou um rio. Na figura do estágio, pode-se imaginar que entre eles há um espaço. A reflexão é uma escada que proporciona a subida para o estágio superior ou uma ponte que permite chegar ao outro lado. Logo, se há a pretensão de alcançar a devoção, é necessário que a reflexão assuma esse papel de maneira apropriada.

2 – Reflexão como uma pá ou foice.

A reflexão, enquanto instrumento do intelecto, apresenta uma versatilidade que permite sua aplicação em várias situações. Em uma aula didática ou palestra com foco na transmissão de conhecimento, a reflexão transcende sua função de mero transporte. Quando o objetivo é aprofundar a compreensão, estabelecer bases sólidas ou consolidar pontos específicos, a reflexão assume o papel de uma pá. Nesse cenário, o aluno é incentivado a ponderar sobre determinados conceitos, o que enriquece sua compreensão. Da mesma forma, quando o conceito estudado se expande ou abre portas para novos campos do conhecimento, a reflexão age como uma foice, ampliando o horizonte cognitivo do indivíduo.

IMAGENS		SIGNIFICADO
		<ul style="list-style-type: none"> • Ponte • Escada • Transporte
		<ul style="list-style-type: none"> • Pá • Foice • Aprofundar • Expandir

MODELOS	REFLEXÃO	DEVOCIONAL
Aula didática	Atravessar —————>	Opcional
	Aprofundar —————>	Opcional
	Expandir —————>	Opcional
Pregação	Atravessar —————>	Obrigatória
	Aprofundar —————>	Opcional
	Expandir —————>	Opcional
Reflexão devocional	Inicia da travessia —————>	Obrigatória
Estudo devocional	Atravessar —————>	Obrigatória
	Aprofundar —————>	Opcional
	Expandir —————>	Opcional

IV – A POSTURA NA ATUAÇÃO DO ORADOR

Não cremos que devam existir níveis de exigência na atuação de um orador, uma vez que a igreja deve se preocupar muito mais com a essência do discipulado do que com o simples cumprimento da tarefa de falar. Entretanto, não podemos ignorar que a postura e o cuidado do orador desempenham um papel crucial na comunicação eficaz e na criação de uma conexão significativa com o público, e, por isso, têm sua devida importância.

A – A representação.

Representar é um papel intrínseco na atuação do orador dentro do ambiente da igreja. Cada vez que alguém se coloca diante da congregação para ministrar, vai além de expressar apenas suas próprias palavras e ideias. Na verdade, torna-se um representante institucional, expressando não apenas a si mesmo, mas também os valores, crenças e ensinamentos da fé coletiva.

Uma vez que o orador assume esse papel de representação, ele se sujeita às expectativas e responsabilidades que vão além de suas próprias opiniões e perspectivas individuais. Diante disso, é crucial que ele adote certos cuidados para garantir que sua comunicação não apenas seja eficaz, mas também respeitosa e alinhada com os valores e ensinamentos da fé que representa.

B – Visual

O visual refere-se à aparência física de uma pessoa, incluindo roupas, acessórios e penteados. A vestimenta, assim como todos os elementos da apresentação visual, é uma forma de expressão pessoal e pode influenciar na comunicação de uma mensagem.

Não estabelecemos nem incentivamos a adoção de um padrão de vestimenta que uniformize os oradores durante os cultos ou eventos na igreja. Cada orador é livre para expressar sua própria individualidade e estilo pessoal. No entanto, é importante reconhecer que a vestimenta e a postura podem influenciar a comunicação, por isso é necessário considerar cuidadosamente esses aspectos para evitar interferências que possam comprometer a mensagem transmitida.

1 – Formalidade.

Formalidade refere-se ao nível de adesão às normas, regras ou convenções estabelecidas em uma determinada situação, contexto ou ambiente. De modo abrangente, a formalidade engloba o comportamento, a linguagem, a vestimenta e os procedimentos que são considerados apropriados e esperados em determinados contextos, como, por exemplo, no culto sabático.

Não possuímos um padrão de formalidade; em vez disso, temos uma expectativa: **a elegância moderada que evita a extravagância.**

- **Elegância**

Elegância é uma qualidade que engloba graça, refinamento, bom gosto e sofisticação. Representa o cuidado intencional em adequar-se à formalidade. Nesse sentido, espera-se que o orador demonstre preocupação e atenção a esse aspecto.

- **Moderada**

"Moderado" é um termo que descreve algo que não se inclina ou não é tendencioso para nenhum lado em particular; é imparcial ou equilibrado. Se a elegância é a demonstração de que houve preocupação em evitar a informalidade, o neutro implica não ir ao extremo, mas sim respeitar o limite onde a formalidade não se torne o objetivo.

- **Extravagância**

A extravagância refere-se a um comportamento ou ação que é excessivo, exagerado ou luxuoso em relação ao necessário ou ao que é considerado razoável em determinado contexto. Pode envolver exibicionismo ostensivo que chama a atenção.

A ausência de um padrão pode tornar mais difícil acertar as exigências da formalidade, por isso é importante guardar essa afirmação: **demonstrar que fugiu da natureza do informal.** Defina a natureza da informalidade e certifique-se de demonstrar que houve uma distinção em direção à elegância.

2 – Informalidade.

Informalidade refere-se à adesão a padrões menos rígidos em relação a comportamento, linguagem, vestimenta ou procedimentos em um determinado contexto. Em ambientes informais, as normas são menos estritas, permitindo que as pessoas ajam e se expressem de maneira mais descontraída, à vontade e de forma mais natural, sem cerimônias.

A informalidade não é a ausência total de regras, mas é a tentativa de manter o padrão natural das coisas. A informalidade deve ser praticada, quando a formalidade se torna inadequada. Nesse caso, não deve haver a intenção de buscar a elegância e sim, a modéstia.

Não se pode criar um padrão de informalidade; em vez disso, temos uma expectativa: **a modéstia moderada para evitar o desleixo.**

- **Modéstia**

Modéstia é uma qualidade que envolve humildade, simplicidade e ausência de pretensão. Um visual modesto refere-se a uma aparência ou estilo que é discreto, simples e sem extravagâncias, dentro das expectativas normais de convívio.

- **Desleixo**

O limite da informalidade é o desleixo. O desleixo é a falta de cuidado, atenção ou diligência, caracterizando-se pela negligência ou descuido em manter algo em ordem, limpo ou bem conservado. Embora ser modesto e não se preocupar excessivamente com a aparência possa ser virtuoso, o desleixo não o é.

3 – Quadro resumo

FORMALIDADE		INFORMALIDADE	
Elegância		Modéstia	
Extravagancia	Moderada	Moderada	Desleixo

V – A LINGUAGEM NA ATUAÇÃO DO ORADOR

A importância da linguagem na prática da oratória não pode ser subestimada, sendo essencial para estabelecer uma conexão significativa entre o orador e seus ouvintes. Dentro do contexto da representação, o mais importante no discurso não é a mera estética das palavras, mas o conteúdo em si. Na ótica da edificação, que é o objetivo central na entrega de conteúdo na esfera eclesial, não se impõem restrições rígidas quanto à formalidade linguística. No entanto, é importante ressaltar que essa liberdade não significa negligenciar a qualidade da expressão verbal.

A – Erros a serem evitados.

A lista que se segue não é exaustiva; ela apenas oferece orientações pertinentes para este treinamento. Evitar esses elementos implica um esforço por parte do orador para erradicá-los completamente.

1 – Evite a falta de preparo.

A ausência de preparação se manifestará através de uma linguagem insegura, revelando que o orador não dedicou o devido cuidado para se preparar para a ação.

Uma linguagem insegura é como uma névoa que obscurece a clareza e a confiança da mensagem que o orador deseja transmitir. É como se as palavras fossem tecidas com fios frágeis, deixando transparecer a falta de preparo e comprometimento do orador com sua própria expressão. Nesse cenário, a hesitação permeia cada frase, transmitindo aos ouvintes uma sensação de incerteza e dúvida. O orador parece estar em um terreno instável, incapaz de guiar com firmeza seus pensamentos e argumentos. Em vez de se tornar um líder da conversa, ele se torna um espectador hesitante de suas próprias palavras. É como se a voz fosse uma embarcação sem leme, à mercê das correntes do desconhecido.

- **Exemplo:**

"Desculpem-me, estou um pouco confuso hoje... Então, vamos ver... Ah sim, a questão é sobre... hum... algo relacionado a... bom, acho que é sobre o fato de... não... não... Sim, a soteriologia! Isso mesmo."

"Eu tinha algo que queria dizer, mas como não tive muito tempo para preparar... é algo muito importante... mas não sei onde coloquei as notas... enfim, vamos lá... então, sobre o tema é... ah, onde eu parei mesmo?"

2 – Evite a falta de clareza.

A falta de clareza ocorre quando as ideias não são comunicadas de forma simples, e o orador não consegue completá-las, deixando dúvidas se ele realmente as compreende.

Quando as ideias não são transmitidas de maneira simples e direta, resulta em um discurso fragmentado e incompleto. Nesses momentos, o orador parece lutar para expressar plenamente seus pensamentos, deixando no ar a incerteza sobre se ele próprio compreende inteiramente o que está tentando comunicar. As palavras se enredam em meio a hesitações e lacunas, obscurecendo o caminho que a mensagem deveria seguir. É como se houvesse um nevoeiro entre o orador e seus ouvintes, dificultando a clareza e a compreensão mútua. Essa falta de clareza não apenas desafia a capacidade do público de entender as ideias apresentadas, mas também mina a confiança no próprio orador, que é percebido como incapaz de transmitir suas ideias de forma convincente e coerente.

- **Exemplo:**

"Então, falar sobre esse assunto é algo de grande importância... hum... a importância da... daquilo que é essencial para... para o desenvolvimento... da fé. Sim, o desenvolvimento, isso mesmo! Mas, vejam bem, não é só sobre o desenvolvimento em si, é mais... é mais sobre como ele se relaciona com... bem, com tudo, na verdade. Quero dizer, é importante entender que... que as coisas estão interligadas, vocês sabem bem, não sabem? Como uma teia... uma teia complexa de... conexões e ligações internas! Externas também, não é? Conexões entre... entre tudo, na verdade. Por isso, acho que é a importância do desenvolvimento e das conexões entre as coisas ligadas a fé”.

3 – Evite fugir do tema.

Fugir do tema é abrir novos assuntos que contribuam para a compreensão do tema principal ou que ampliem tanto o foco que levem o público a perder a atenção.

Quando se perde o foco e se desvia do tema principal, é como se o orador começasse a jogar contra seus próprios objetivos da apresentação. Isso não só confunde o público, mas também pode fazer com que suas mentes se desconectem, perdendo o interesse. Em essência, isso compromete a eficácia da apresentação, pois a mensagem se dispersa em diferentes direções, sem uma clara orientação.

Manter o foco nos pontos centrais é crucial para manter a atenção e o envolvimento do público. Evitar divagações irrelevantes é essencial para garantir que cada palavra contribua para o propósito da apresentação.

- **Exemplo:**

"Então, falar sobre a vida de Jesus é de suma importância... Mas antes disso, deixem-me contar uma história rápida sobre uma leitura que fiz nessa semana."

"Discutir o caráter de Jesus é muito importante para a nossa fé... isso me faz lembrar do tempo em que estava na faculdade e na aula de ética encontrei um professor que era ateu. Aliás, o ateísmo está crescendo muito ultimamente, vocês sabiam? Li uma notícia recente que trazia uma estatística sobre a religião no mundo. A propósito, a cada ano o mundo fica pior. O último livro que li sobre a sociedade moderna era assustador. A modernidade trouxe muitas mudanças para a sociedade. Aliás, a sociedade nunca foi muito virtuosa, pois nos dias do Apóstolo Paulo, ele já falava da origem do pecado na humanidade. Essa doutrina é muito polêmica, eu sei, pois me lembro de muitos debates que tive sobre isso. Aliás, vou resumir rapidamente minha posição sobre o assunto, embora não queira polemizar, sabendo que essa discussão já dura alguns séculos. Na Idade Média, a teologia já estava dividida nesse assunto. Porque, como vocês sabem, a Idade Média foi um período muito complicado para as religiões ocidentais. A Reforma Protestante trouxe liberdade para ler e estudar a Bíblia. Isso não significa que devemos estudar a Bíblia de qualquer forma. Pois hoje vejo que as pessoas não dão valor às coisas de Deus. Aliás, estamos vivendo uma geração que não dá valor a nada. Não respeitam os pais. No meu tempo não era assim. Como sabem, antigamente todo mundo respeitava os mais velhos. Lembro de uma vez em que desrespeitei meu pai e fui severamente disciplinado. Não estou dizendo que disciplinar é algo negativo, pelo contrário, a disciplina é muito importante para desenvolver virtudes. Eu sei que a virtude depende da filosofia que você adota, pois para os gregos, a virtude é vista de forma diferente. E os gregos são conhecidos por suas definições complexas das coisas. Como sabem, a filosofia grega não é uniforme e ela evolui ao longo do tempo, e isso não é necessariamente ruim,

pois a mudança é inevitável e muitas vezes benéfica. Tudo na vida muda. E a mudança é muito complexa, pois envolve muito trabalho e esforço. E por isso as pessoas não querem mudar, porque a preguiça é o principal pecado que atrapalha a mudança. Não é o caso, mas vocês sabem que a preguiça tradicionalmente faz parte da crença nos pecados capitais. Antigamente, eu achava que os pecados capitais estavam descritos na Bíblia, mas depois descobri que não constam lá. Assim como muitas coisas que acreditamos, mas nunca foram mencionadas na Bíblia. Por exemplo, quando criança ouvi dizer que Eva havia comido uma maçã, mas depois descobri que não foi mencionado especificamente na Bíblia. A maçã é originária do sul da Ásia e talvez nem existisse antes do dilúvio. Ou talvez existisse e Noé tenha levado uma semente para plantar mais tarde, pois sementes, certamente, foram levadas para a Arca de Noé. A propósito, uma vez ministrei uma aula apenas sobre as passagens em que a semente é mencionada na Bíblia, e isso é muito interessante. A citação mais famosa é, certamente, a do grão de mostarda. A maioria das pessoas não sabe que a semente de mostarda é muito pequena. Aliás, esse é outro fator de comparação interessante nos discursos de Jesus; ele gostava de usar elementos de grandezas para ensinar. Vocês se lembram da vez em que chamou as crianças para ensinar sobre o Reino de Deus e disse "vinde a mim os pequeninos"? As crianças também são bem-vindas no Reino de Deus, por isso a importância do ministério infantil na igreja. É dever da igreja ensinar a Bíblia às crianças, mas é claro, sem tirar dos pais a responsabilidade de educar. Algo em que os pais falham muito nos dias de hoje. Eles se acostumaram a transferir a responsabilidade de educar para a escola. E como vocês já sabem, a escola, especialmente a pública, não vai bem, pois depende das ações dos políticos. E o que podemos esperar dos políticos de hoje em dia? Não assistiram aos noticiários recentemente? Embora acreditar na mídia atual esteja cada vez mais difícil. Parece que os noticiários foram comprados e as notícias são sempre mentirosas. Mentira, como sabemos, além de ser corrupção, é um dos pecados capitais. Sei que você vai dizer que não faz parte dos sete pecados capitais, mas estou me referindo à lista de Dante, que continha nove na lista.

Mas já falei muito sobre pecados capitais aqui e não quero perder o foco. O fato é que a sociedade está ficando cada vez mais corrompida, está cada vez mais difícil encontrar pessoas de bom caráter. Isso nos faz lembrar do tema desta palestra, que é o caráter de Jesus!”

4 – Evite méritos e deméritos.

Quando se inicia uma apresentação, é crucial evitar o impulso de pedir desculpas ou de justificar antecipadamente possíveis erros que ainda não ocorreram. Essa atitude não apenas sugere insegurança, mas também desperdiça o tempo precioso dos ouvintes. Por outro lado, é importante lembrar que o excesso de autopromoção pode ser igualmente prejudicial. Se a apresentação se torna uma narrativa exclusivamente centrada em si mesmo, perdemos a oportunidade de cativar e envolver o público com conteúdo relevante e significativo.

Entretanto, não deve ser confundido com o fato de demonstrar humildade e gratidão pela oportunidade de falar. Encontrar o equilíbrio entre humildade e confiança, focando no conteúdo e nas necessidades da audiência, é essencial para garantir uma apresentação eficaz.

- **Exemplo negativo:**

"Desculpem-me, estou um pouco nervoso hoje..."

"Desculpem-me, tive muito trabalho nesta semana e, por isso, não tive tempo para me preparar..."

"Desculpem-me, eu não sei falar direito em público..."

- **Exemplo positivo:**

"Apesar de ser natural ficar nervoso ao falar em público, para quem não o faz habitualmente, isso não vai atrapalhar o que tenho a dizer..."

"Dentro das minhas limitações, fiz o melhor que pude para atender à importância dessa oportunidade..."

"Embora falar em público não seja algo natural para mim, como é para aqueles que ocupam regularmente essa função, eu me preparei e me esforcei para oferecer o melhor que pude para entregar esse conteúdo..."

5 – Evite os vícios de linguagem.

Vícios de linguagem são padrões inadequados de expressão que ocorrem de forma recorrente na fala ou na escrita de uma pessoa. Eles podem incluir repetições desnecessárias de palavras ou frases, uso inadequado de expressões, palavras ou construções gramaticais, bem como a aplicação incorreta de certas regras gramaticais. Esses vícios podem prejudicar a clareza, a fluidez e a precisão da comunicação.

Embora os vícios de linguagem sejam diversos, destacaremos aqui os cacoetes repetitivos, que são marcados por repetições excessivas na fala. Especificamente, aqueles relacionados à checagem, à demonstração e à inauguração.

- **Exemplo:**

"né", "ok", "entendeu",

"tipo", "tipo assim", "assim",

"bom", "então", pois então"

6 – Evite palavras vulgares.

Palavras vulgares são termos que são considerados grosseiros, obscenos, ofensivos ou inadequados em determinados contextos. Essas palavras geralmente envolvem temas relacionados à sexualidade, anatomia, profanidade ou linguagem chula. O uso de palavras vulgares pode variar significativamente dependendo do contexto social, cultural e situacional. Em situações informais ou entre amigos íntimos, algumas palavras vulgares podem ser usadas de forma mais tolerada. No entanto, em ambientes formais, profissionais ou públicos, o uso de palavras vulgares é geralmente desencorajado e pode ser considerado desrespeitoso, inadequado ou mesmo ofensivo.

Os palavrões, que são palavras profanas ou de baixo calão, dispensam comentários de que devem ser excluídos, não apenas na apresentação, mas também em todo o vocabulário ativo. A nota de alerta diz respeito às palavras que são vulgares, porém, fazem parte do vocabulário social e podem ser utilizadas de forma inconsciente pelo orador. Uma vez que são palavras vulgares, me recuso a escrevê-las, exigindo a sua imaginação para compreender os exemplos.

7 – Evite a monotonia.

A monotonia em uma apresentação refere-se à falta de variação no tom de voz, na entonação ou no ritmo do discurso do orador. Quando uma apresentação é monótona, o palestrante fala de forma repetitiva ou uniforme, sem entusiasmo, energia ou emoção. Isso pode fazer com que a audiência perca o interesse, tenha dificuldade de manter a atenção e até mesmo se distraia durante a sua fala.

B – Cuidados a serem tomados.

Ao contrário do tópico anterior, no qual empregamos a palavra "evitar" para encorajar a erradicação completa dos erros mencionados, agora empregaremos a palavra "cuidado". A ideia é que devemos reconhecer que certos elementos demandam nossa atenção e devem ser manuseados com prudência. Em outras palavras, não podemos evitá-los, mas é crucial exercer cautela para evitar que se transformem em erros e comprometam a entrega.

A lista que se segue não é exaustiva; ela apenas oferece orientações pertinentes para este treinamento.

1 – Cuidado com linguagem técnica.

A linguagem técnica desempenha um papel crucial em apresentações relacionadas a áreas específicas do conhecimento. Essa forma de linguagem é caracterizada por termos técnicos, jargões e conceitos especializados que são compreendidos por estudantes e especialistas do campo em questão. A utilização da linguagem técnica é frequentemente necessária para garantir a transmissão de informações de forma precisa e detalhada. No entanto, é importante equilibrar o uso da linguagem técnica com uma linguagem mais acessível, especialmente ao apresentar para um público não especializado.

2 – Cuidado com os clichês ou frases feitas.

Clichês e frases feitas são expressões ou ideias que são utilizadas com tanta frequência que perdem o impacto original, tornando-se previsíveis ou banais. Em apresentações, essas expressões podem até auxiliar no entendimento e criar uma comunicação mais descontraída, dependendo do público. No entanto, o uso desmedido ou descontrolado pode prejudicar a eficácia da comunicação, conferindo um tom menos sério ou transmitindo uma sensação de descuido na comunicação.

O orador deve tomar cuidado, pois o uso de clichês é comum e muitas vezes inevitável. No entanto, é importante utilizá-los com discernimento, pois podem ser bem empregados quando aplicados no momento certo.

- **Exemplo:**

"Pensar fora da caixa", "Pôr os pingos nos is"

"Pegar o touro pelos chifres", "Bola para frente"

"Roma não foi construída em um dia"

"Cair na real"

3 – Cuidado com o uso de gírias e expressões populares.

O uso de gírias e expressões populares na apresentação refere-se à utilização de termos informais, coloquiais ou característicos de uma determinada região ou grupo social durante uma comunicação pública. Essas expressões podem incluir palavras ou frases comuns na linguagem cotidiana, mas que podem não ser apropriadas ou compreendidas por todos os membros da audiência, especialmente em contextos formais ou profissionais.

O uso excessivo de gírias e expressões populares pode comprometer a clareza e a eficácia da mensagem, além de diminuir a credibilidade do orador e a seriedade do assunto. Portanto, é importante exercer cautela ao incorporar esses elementos na apresentação, levando em consideração o público-alvo e o contexto da comunicação.

Admito que os exemplos que apresentarei a seguir podem não ser os mais comuns nos dias de hoje, especialmente nesta era digital, mas serão utilizados como referência.

- **Exemplo de gírias:**

"Cara", "Legal", "Mó", "Super", "Top",

"Tô ligado", "Maneiro", "Bacana",

"Valeu", "Pô meu", "Ficar de boa", "Deu ruim"

- **Exemplo de expressões populares:**

"Cair na real", "Pôr as cartas na mesa",

"Bater na mesma tecla", "A vaca foi pro brejo"

"Fazer vista grossa", "Cada macaco no seu galho",

"Pagar o pato"

4 – Cuidado com erros grotescos do português.

Erros grotescos de português em uma apresentação são aqueles que envolvem falhas importantes na gramática, ortografia ou estrutura das frases, e que prejudicam a compreensão da mensagem. Estes erros podem incluir falta de concordância verbal, uso inadequado de tempos verbais, problemas de pontuação, erros ortográficos, entre outros aspectos que comprometem a clareza e a eficácia da comunicação.

No nosso contexto, não há necessidade de seguir padrões elevados para a apresentação, como o uso de uma linguagem sofisticada ou erudita. O foco está na essência da comunicação, em um ambiente que deve ser propício para isso. Igualmente, é natural que ocorram erros em uma apresentação, e alguns são até esperados. No entanto, é recomendável tomar cuidado para evitá-los ao máximo, especialmente os mais evidentes.

- **Exemplos:**

“Para mim fazer”, “os discípulos viu”

“Todos na multidão queria falar”

“para que seja”, “A perca da”

5 – Cuidado com a velocidade da fala.

A velocidade da fala em uma apresentação é fundamental para garantir a compreensão e a absorção do conteúdo pelo público. Uma fala muito rápida pode sobrecarregar os ouvintes, dificultando a assimilação das informações e deixando-os perdidos. Por outro lado, uma fala muito lenta pode causar tédio e desinteresse nos ouvintes.

Não existe um padrão rígido de velocidade, e não é necessário manter sempre o ritmo inalterado. Portanto, é crucial encontrar um equilíbrio, assegurando que as palavras sejam pronunciadas de forma clara e que haja pausas adequadas para permitir que o público absorva e reflita sobre o conteúdo.

6 – Cuidado com o contato visual.

O contato visual em uma apresentação refere-se à prática de estabelecer e manter conexão com os ouvintes durante a comunicação. Isso envolve olhar diretamente para os indivíduos presentes na audiência, fazendo com que se sintam envolvidos e conectados com o orador. O contato visual é uma ferramenta poderosa para transmitir confiança, credibilidade e demonstrar interesse pelo público, além de ajudar a manter a atenção e o engajamento dos espectadores ao longo da apresentação.

7 – Cuidado com o tempo

O cuidado com o tempo em uma apresentação refere-se à gestão eficaz do tempo disponível para garantir que o conteúdo seja entregue de forma completa e dentro do período estabelecido. Isso envolve o planejamento adequado da duração da apresentação, a divisão do tempo entre os diferentes tópicos ou seções do discurso e a atenção constante ao relógio durante a apresentação para assegurar que cada parte seja abordada dentro do tempo previsto.

Ultrapassar o tempo permitido nunca será aceitável quando isso prejudica a organização do evento ou afeta negativamente os ouvintes. A única justificativa aceitável é quando os ouvintes reconhecem que o orador foi competente, não desperdiçando tempo, e ainda assim o conteúdo ou a própria audiência impediu que o discurso avançasse naturalmente.

8 – Cuidado com a leitura de slides

Na condução de uma apresentação, o cuidado com a leitura de slides diz respeito à forma como o apresentador utiliza esses recursos visuais. Em vez de simplesmente ler os slides de maneira mecânica e monótona, é importante empregá-los de maneira mais estratégica. Eles devem funcionar como suporte visual, destacando pontos essenciais, elucidando conceitos ou fornecendo informações complementares, tudo isso de forma a tornar a apresentação mais dinâmica e envolvente para a audiência.

Se o orador utilizar textos longos em slides, deve equilibrar isso com o contato visual com a plateia enquanto fala, usando os slides como guia, mas adicionando conteúdo à medida que avança. Dessa forma, o cuidado com a leitura de slides ajuda a manter a atenção da audiência, tornando a apresentação mais dinâmica e envolvente.

9 – Cuidado com o uso do humor

O cuidado com o humor em uma apresentação diz respeito à forma como o apresentador incorpora elementos humorísticos para envolver e divertir a audiência. Isso inclui escolher piadas, contar histórias engraçadas, fazer observações humorísticas ou usar outros recursos para criar uma atmosfera mais leve durante a apresentação.

No entanto, é crucial ter sensibilidade em relação ao contexto e ao público, evitando piadas inadequadas, comentários ofensivos ou qualquer forma de humor que possa ser mal interpretada ou inadequada para a situação. O objetivo do cuidado com o humor é tornar a apresentação mais agradável e memorável, sem comprometer a seriedade ou a relevância do conteúdo apresentado.

VI – OS MODELOS APLICADOS

Até o momento, nossa exploração nos levou a compreender os conceitos fundamentais que são comuns a todos os modelos. No entanto, à medida que nos aprofundamos, nos deparamos com as nuances que tornam cada modelo único. Não se trata apenas de distinguir entre eles, mas sim de reconhecer suficientemente as complexas características que os definem e os destacam individualmente.

A – Reflexão devocional.

Optamos por adotar a reflexão devocional como modelo principal nos encontros realizados nos lares (koinonias). Estes encontros têm como propósito fortalecer laços em grupos pequenos por meio da comunhão. Suas práticas se concentram em três aspectos cruciais: a fraternidade entre os participantes, a partilha de orações e a reflexão devocional.

- **Fraternidade**
- **Oração**
- **Devocional**

Para seu funcionamento, a koinonia necessita da atuação de **duas funções distintas**: a que se preocupa com o local onde o grupo se reunirá, denominada de anfitrião, e a que se preocupa com o conteúdo, que chamaremos de liderança. Enquanto o anfitrião cuida do local onde ocorre o encontro, a liderança é responsável pelo que acontece durante o encontro. Essas funções podem ser desempenhadas pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes.

- **Anfitrião**
- **Liderança**

O papel do anfitrião está centrado principalmente na administração do local, portanto, não é relevante discuti-lo aqui. Quanto à liderança, ela desempenha **dois papéis distintos**: o de dirigente e o de orador. Como dirigente, trabalha para organizar e administrar o encontro, enquanto como orador, assume o papel de guia na reflexão devocional. Esses papéis podem ser desempenhados pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes, caso o grupo tenha mais de um líder.

- **Dirigente**
- **Orador**

1 – O modelo e o estudo.

Nesse modelo, como já mencionado nesse treinamento, o estudo não faz parte das atribuições das ações do orador. A diligência dá-se a partir da reflexão, visando o devocional.

- **Estudo deve ser lembrado.**

O ponto central para a condução do devocional é a reflexão. Como sabemos, a reflexão é derivada de um elemento de estudo, no entanto, neste modelo, o estudo não está entre as ações realizadas. Assim, a reflexão ocorre após a reiteração da lembrança de pontos já estudados; em outras palavras, o orador direciona os ouvintes sobre aspectos importantes que instigam reflexões.

- **Tomar notas sobre o estudo.**

Embora o orador dirigente deva incentivar a participação dos ouvintes para que compartilhem suas notas sobre os elementos estudados, é imprescindível que ele leve suas próprias anotações para estimular a discussão.

2 – O que anotar?

No culto, o orador dirigente não deve se portar como um ouvinte especial. Evite transformar o momento da mensagem em uma simples obrigação do ministério. Mantendo isso em mente, o orador dirigente precisa cultivar um hábito que se adapte à sua realidade no ministério.

- **Anote o tema da mensagem.**

O tema é o assunto principal que responde à pergunta: *sobre o que o pregador falou?* Não se trata apenas de uma única palavra, mas de frases que capturem a essência do assunto.

Embora seja verdade que nem sempre o pregador deixa o tema claro em sua mensagem, o dirigente deve ser capaz de identificá-lo.

Se houver falha na comunicação do tema pelo pregador, o orador dirigente deve tentar deduzi-lo para ajudar a recuperar a mensagem e redimir o pregador.

- **Anote a proposição da mensagem.**

Uma proposição homilética é uma declaração articulada de forma clara e sucinta que encapsula o ponto essencial ou a ideia principal de um sermão. Ela incorpora elementos do tema, objetivos e delinea as declarações fundamentais que guiarão a mensagem.

Embora seja verdade que nem sempre o pregador elaborará uma proposição clara em sua mensagem, o orador dirigente deve ser capaz de identificá-la.

Se houver falha na comunicação da proposição pelo pregador, o orador dirigente deve tentar deduzi-la, em seguida ajustá-la e, mesmo reconhecendo a falha do pregador, procurar redimi-lo.

- **Anote os pontos centrais.**

Os pontos centrais representam as subdivisões do tema da mensagem. É essencial compreender claramente a interligação desses pontos, pois eles podem ser utilizados como um resumo eficaz durante o encontro do grupo.

Cada ponto isolado também pode servir como gatilho quando sugere ideias completas e explicativas. Gatilhos serão explicados mais adiante.

Embora seja verdade que nem sempre o pregador deixará claro as subdivisões em sua mensagem, o orador dirigente deve ser capaz de fazer o resumo. Também é possível que a pregação seja feita de forma dedutiva e siga um método onde não há divisões evidentes do tema.

Se houver falha na comunicação das divisões pelo pregador, o orador dirigente deve tentar deduzi-las, em seguida ajustá-las e, mesmo reconhecendo a falha do pregador, procurar redimi-lo.

- **Anote perguntas reflexivas.**

Durante a pregação, o próprio pregador pode apresentar algumas perguntas reflexivas para estimular o pensamento sobre o conteúdo que está sendo ensinado. Essas perguntas podem ser levadas para a reflexão devocional, mesmo que as respostas já estejam implícitas na mensagem.

- **Anote explicações.**

Explicações sobre os trechos bíblicos também podem ser úteis e utilizadas como gatilhos nos encontros.

Explicações de temas extratextuais também devem ser consideradas. Algumas vezes o pregador poderá explicar um tema relacionado à Bíblia ou de interesse cristão, bem como fazer referências a temas contemporâneos.

Em todas as explicações, o orador dirigente deve tomar cuidado para não reabrir os assuntos para debate, uma vez que isso não faz parte das intenções do encontro.

Caso o orador dirigente encontre divergências na explicação do pregador, é prudente evitar usá-las como gatilhos. Se isso for inevitável ou se forem trazidas à tona por algum participante, é recomendável que ele mantenha a discussão em terceira pessoa, preservando a integridade do pregador. Quando não for possível preservar o foco, o orador deve administrar as tentativas e encorajar o questionador a abordar diretamente o pregador para discutir a questão.

- **Anote aplicações.**

Aplicações de sermão são as partes do discurso ou mensagem onde os princípios ou ensinamentos apresentados são relacionados e adaptados para a vida prática dos ouvintes.

Essas aplicações geralmente são projetadas para ajudar os ouvintes a entenderem como podem aplicar as verdades ensinadas em suas próprias vidas. Elas podem incluir exemplos específicos, orientações práticas, desafios pessoais ou sugestões de ação que incentivam a mudança de comportamento, o crescimento espiritual e a transformação de vida.

3 – O preparo da reflexão devocional.

Em seu tempo de preparo, revise as anotações feitas durante o decurso do sermão. Durante a apresentação, tome notas considerando a perspectiva de um ouvinte comum; em seguida, organize e amplie essas notas, considerando agora o papel do orador dirigente.

Como orador dirigente, prepare um breve discurso introdutório, liste gatilhos de conversas para gerar discussões, anote reflexões apropriadas e identifique aplicações relevantes.

- **Discurso introdutório.**

O orador dirigente é quem dá o tom da conversa e depois a administra. A fala de abertura deve transmitir:

- **As regras da conversa.**

- **Um encorajamento à reflexão e à aplicação por parte de todos.**

- **Um resumo com interação pessoal do estudo.**

- **Gatilhos de conversa.**

"Gatilhos de conversa" são declarações, citações, perguntas ou tópicos projetados para iniciar ou estimular uma conversa durante o encontro.

São como pontos de partida que têm como objetivo despertar o interesse e incentivar os ouvintes a compartilharem suas opiniões, experiências ou pensamentos sobre um determinado assunto.

Os gatilhos são preparados para iniciar a interação do orador dirigente, mas cabe a ele guiar os ouvintes para que ofereçam seus próprios gatilhos sempre que desejar estimular a participação.

Evidentemente, o orador não irá explicitamente mencionar a palavra "gatilho", pois isso revelaria um aspecto técnico. Ao se referir à essência da conversa, ele deve utilizar palavras como: anotações, ponderações, assunto, notas, tema, observações, entre outras.

- **Reflexões ampliadas.**

Para cada gatilho selecionado, elabore perguntas que incentivem a reflexão sobre o assunto introduzido.

A reflexão pode ser a mesma fornecida pelo pregador durante a mensagem de estudo, mas nesse caso, ela passa a ser considerada como um gatilho, pelo qual o orador dirigente deseja solicitar a opinião dos ouvintes.

Quando o orador decide usar um gatilho de estudo, ele deve elaborar suas próprias perguntas reflexivas, visando também ampliar as aplicações.

- **Aplicações cabíveis.**

Para cada reflexão, prepare possíveis aplicações adequadas.

As aplicações podem ser as mesmas já fornecidas pela mensagem, mas nesse caso, elas serão usadas como gatilhos, exigindo a interação dos ouvintes.

Quando o orador decide utilizar um gatilho de estudo, ele deve elaborar suas próprias perguntas reflexivas, o que resultará em suas próprias aplicações.

4 – Esboço e transição:

A forma do esboço é determinada pelo orador dirigente, mas a sequência segue o modelo estabelecido. O orador dirigente gerencia a conversa e, para tornar seu esboço dinâmico, utiliza a transição.

- **A transição.**

No processo dinâmico da oratória, a transição refere-se à parte do discurso que conecta ou move-se de uma seção para outra. Essa transição é importante para manter a continuidade e a fluidez da conversa.

No contexto da reflexão devocional, o orador dirigente a utilizará quando desejar avançar em seu esboço.

A transição é uma frase que convida o ouvinte a seguir em frente ou a iniciar uma nova ação. Por exemplo:

“Bem, vamos seguir em frente. Observem por favor essa anotação”. Nesse caso, o dirigente quer iniciar um gatilho.

“Certo, irmãos. Alguém tem alguma nota que deseja compartilhar para iniciarmos uma reflexão?” Nesse caso, o dirigente deseja conceder a palavra para iniciar um novo gatilho.

- **Esboço.**

1 – Discurso de abertura.

2 – Gatilho: Reflexão: Aplicação:

3 – Gatilho: Reflexão: Aplicação:

4 – Gatilho: Reflexão: Aplicação:

5 – Conclusão:

B – Estudo devocional.

Nos encontros de grupos dirigidos, que se reúnem regularmente, como por exemplo o encontro de jovens, o modelo predominante é o de estudo devocional.

O orador desempenha múltiplos papéis: o de professor, que explana um tema de estudo; o de dirigente, que conduz a conversa e a participação na reflexão; e o de discipulador, que destaca a importância da aplicação com a intenção de um discipulado continuado.

- **Professor.**
- **Dirigente.**
- **Discipulador.**

1 – Aspecto devocional.

Tendo como foco o devocional, alguns elementos estarão presentes por natureza. Os ouvintes devem participar ativamente, uma vez que o objetivo transcende a mera informação de estudo. A reflexão é necessária, pois é a ferramenta para elevar o estudo a outro nível e a aplicação é uma parte essencial da devoção.

- **Participação ativa do grupo.**
- **Reflexão sobre os temas de estudo.**
- **Aplicação adequadas às reflexões.**

2 – Elementos essenciais.

Dado que o modelo se baseia na transição do estudo para o devocional, há elementos essenciais que devem guiar o orador. O orador começa com o estudo, utiliza a reflexão conforme suas intenções (ponte ou pá) e realiza as aplicações relacionadas ao tema refletido.

- **Estudo**
- **Reflexão**
- **Aplicação**

3 – O estudo indutivo ou dedutivo.

O estudo envolve a análise de um tema sugerido pelo líder. O tema do encontro pode fazer parte de um estudo mais amplo realizado a longo prazo. As diretrizes a seguir são uma proposta exemplar para um encontro comum, destinadas a ilustrar o modelo.

- **O método do estudo.**

O modelo não busca impor um método rígido na aplicação do estudo. O orador tem a liberdade de escolher a abordagem que considerar mais adequada para apresentar o tema estudado. A decisão entre usar o método indutivo ou dedutivo dependerá das exigências específicas do tema em questão e das preferências pessoais do indivíduo em relação à sua abordagem.

- **Estudo indutivo.**

O estudo indutivo é uma abordagem que se concentra na análise de exemplos específicos para inferir princípios gerais ou padrões.

O estudo indutivo começa com observações específicas e tenta derivar conclusões mais amplas a partir delas. É um processo de raciocínio que parte do

particular para o geral, buscando identificar regularidades ou tendências com base em dados concretos. Este método é frequentemente usado quando a observação cuidadosa de casos individuais pode levar a insights mais amplos sobre padrões ou princípios subjacentes.

- **Estudo dedutivo.**

O estudo dedutivo é uma abordagem que se concentra na análise de exemplos através da lógica dedutiva, onde se parte de princípios ou leis gerais para chegar a conclusões específicas.

4 – Esboço e preparo.

O orador deve se preparar para o encontro de acordo com seus múltiplos papéis. O resumo a seguir são elementos essenciais que compõem sua preparação.

- **Tema de estudo.**

Um tema de estudo é um assunto específico ou tópico escolhido para análise. Em cada encontro, é essencial que o orador tenha uma compreensão clara da substância do que será estudado, garantindo sua coerência com o estudo mais amplo, caso o encontro não seja uma exposição isolada.

Ele precisa responder com clareza à pergunta: "**Sobre o que falaremos hoje?**"

- **Proposição de estudo.**

Uma proposição de estudo é uma declaração que apresenta uma proposta e descreve o ponto central do tema, funcionando como uma sentença. Não é necessário que seja tão concisa e objetiva quanto seria em uma pregação; pode ser um parágrafo que contenha as premissas do professor.

- **Objetivos.**

Objetivos podem ser gerais; nesse caso, são metas abrangentes que se pretende alcançar até o final da explanação. Não se pode esquecer que o modelo não é apenas de estudo; portanto, os objetivos devem abranger também o aspecto devocional.

Objetivos também podem ser específicos; nesse caso, são metas detalhadas e concretas formuladas para direcionar atividades específicas em direção aos objetivos gerais.

Observe a lista abaixo contendo os principais verbos que você pode utilizar em sua preparação.

MEMORIZAR	COMPREENDER	APLICAR	ANALISAR	AVALIAR	CRIAR
Listar	Esquematizar	Utilizar	Resolver	Defender	Elaborar
Relembrar	Relacionar	Implementar	Categorizar	Delimitar	Desenhar
Reconhecer	Explicar	Modificar	Diferenciar	Estimar	Produzir
Identificar	Demonstrar	Experimentar	Comparar	Selecionar	Prototipar
Localizar	Parafrasear	Calcular	Explicar	Justificar	Traçar
Descrever	Associar	Demonstrar	Integrar	Comparar	Idear
Citar	Converter	Classificar	Investigar	Explicar	Inventar

- **Discipulado contínuo.**

O discipulado é um processo contínuo de crescimento espiritual e amadurecimento, no qual o discípulo aprende, vive e compartilha a fé cristã em um relacionamento profundo com seu líder.

O discipulado contínuo significa que o líder tem objetivos que vão além do estudo devocional, buscando a formação integral do discípulo.

- **Esboço.**

- 1 – Tema de estudo.
- 2 – Proposição de estudo.
- 3 – Objetivos gerais.
- 4 – Plano de conteúdo.
- 5 – Discipulado contínuo.

C – Aula didática.

Nos encontros dedicados especificamente ao estudo, como, por exemplo, no NEB (Núcleo de Estudos Bíblicos), a aula didática é o modelo predominante.

A aula didática é uma sessão de ensino estruturada para facilitar o aprendizado dos alunos por meio de métodos e técnicas pedagógicas. Nesse contexto, o orador desempenha o papel de professor ou instrutor, conduzindo as atividades educativas com o objetivo de transmitir conhecimento, habilidades ou valores a um grupo de alunos.

1 – Exposição do tema.

Assim como no estudo devocional, mencionado no tópico anterior, a aula didática requer um tema específico. O professor deve ter confiança no conteúdo a ser abordado e ser capaz de responder claramente à pergunta: **"Sobre o que falaremos hoje?"**

2 – Proposição de estudo e objetivos.

A proposição de estudo e os objetivos gerais e específicos, seguem a mesma diretriz que o estudado no tópico sobre o Estudo Devocional.

3 – Método.

O método que será utilizado, seja ele indutivo ou dedutivo, fica a critério do professor quando não houver uma orientação pedagógica específica, permitindo assim a escolha da abordagem mais adequada para o tema a ser estudado.

4 – Plano de aula.

Um plano de aula é uma ferramenta essencial para orientar o processo de ensino e aprendizagem, fornecendo uma estrutura detalhada do que será ensinado em uma aula específica. No contexto eclesial, podem ser necessárias apenas algumas adaptações ou considerações específicas, tais como:

- **Tema:**
- **Proposição de estudo:**
- **Objetivos gerais:**
- **Esboço de aula:**

5 – Esboço de aula.

Um esboço de aula é um plano preliminar ou uma estrutura básica que o professor utiliza para organizar os principais tópicos, conteúdos e atividades que serão abordados durante uma aula. O esboço deve ser resumido, contendo os seguintes elementos:

- **Tema.**
- **Proposição.**
- **Objetivos.**
- **Frase transitória com palavra-chave.**
- **Introdução.**
- **Pontos divisórios.**
- **Conclusão.**

6 – Frase transitória com palavra-chave.

Uma frase de transição é uma expressão utilizada para conectar as ideias ou pontos de transição em um discurso de forma fluida e coesa. A frase convida o ouvinte a seguir em frente auxiliando na orientação ao passar de uma parte para outra, estabelecendo relações lógicas entre os diferentes pontos ou seções do conteúdo. A palavra-chave na frase transitória é uma palavra ou expressão significativa que resume o conteúdo principal da fala. O ideal é que essa palavra unifique os pontos e esteja presente no tema.

- **Exemplo:**

*“Irmãos, em terceiro lugar, observem mais uma **característica** dos servos de Deus.”*

*“A quarta **influência** do Espírito Santo é...”*

7 – Introdução.

Na introdução, que representa o momento inicial, não apenas os recursos de oratória são essenciais, mas também alguns elementos do conteúdo precisam ser incluídos.

- **Apresentação do tema, proposição e objetivos.**
- **Contextualização.**

Contextualizar o tema é fornecer informações relevantes, antecedentes históricos ou dados importantes que ajudem o público a entender a importância e relevância do assunto.

- **Engajamento da atenção.**

Uma introdução eficaz desperta o interesse do público e o motiva a continuar ouvindo ou participando da comunicação. Ela define o foco da comunicação e estabelece expectativas claras sobre o que será abordado.

8 – Conclusão.

A conclusão é a última parte da apresentação, na qual o professor reforça e encerra as ideias principais, completando o engajamento da atenção e fazendo seus últimos apontamentos. Uma conclusão eficaz precisa ter os seguintes elementos:

- **Revisão do tema.**
- **Sumário dos pontos com palavra-chave.**
- **Reiteração dos objetivos.**
- **Resumo da proposição.**
- **Convocação.**
- **Encerramento.**

D – Pregação.

A pregação segue o modelo de homilia, utilizada no ambiente do culto. A homilia é um discurso que é geralmente realizado pelo pregador que ocupa uma função clerical durante o serviço religioso.

1 – Discurso imperativo.

Mais do que um mero discurso, a pregação faz parte da liturgia do culto, onde o pregador exerce a função de representante da voz de Deus para a congregação. Por essa razão, é um discurso direcionado e imperativo, no qual o pregador anuncia e os ouvintes reagem apenas com atenção.

2 – Pregação expositiva.

A pregação expositiva é um estilo de pregação em que o pregador se concentra em extrair o conteúdo do sermão a partir da interpretação detalhada de uma passagem bíblica específica.

Este método de pregação busca extrair o significado original do texto bíblico, explicá-lo e aplicá-lo à vida contemporânea dos ouvintes.

- **Pregação expositiva textual.**

A pregação textual é aquela em que o pregador se concentra em explicar um trecho específico de um texto bíblico. A mensagem é expositiva, mas o detalhe está na extensão do texto, pois se concentra em explicar uma passagem, que pode ser um recorte de um texto maior ou um capítulo inteiro.

Neste formato, o pregador escolhe um tema e segue a explicação pormenorizada de tudo que é possível perceber nele.

- **Pregação expositiva temática.**

A mensagem expositiva temática deve seguir o mesmo padrão da exposição, mas difere da textual porque não se concentra em explicar um trecho único de um texto, mas procura explicar um tema comum presente na Bíblia.

Neste formato, o pregador escolhe um tema presente em vários textos bíblicos e se concentra em explicá-lo, delimitando sua abrangência de forma livre.

- **Lista simplificada dos elementos importantes do sermão.**

- Tema.
- Texto base.
- Introdução.
- Proposição.
- Transição.
- Pontos divisórios.
- Explicação e ilustração.
- Conclusão.
- Aplicações.

3 – Tema.

O tema da pregação é o assunto principal que será abordado durante o sermão. É a ideia central que o pregador deseja comunicar aos ouvintes e em torno da qual o sermão é construído. Geralmente, o tema reflete um conceito bíblico, uma verdade espiritual ou um princípio moral que o pregador pretende explorar e aplicar à vida dos ouvintes.

É importante que o tema contenha a substância que será desenvolvida durante o sermão. O tema responde à pergunta: "***Sobre o que você vai pregar?***"

4 – Texto base.

O texto base para um sermão é uma passagem específica da Bíblia que serve como ponto de partida ou fundamento para o sermão.

No caso da mensagem expositiva textual, é o trecho que será explicado detalhadamente durante o sermão. No caso da mensagem expositiva temática, é a porção bíblica que será lida inicialmente para fundamentar ou justificar o tema central do sermão.

5 – Introdução.

A introdução em um sermão é a primeira parte da mensagem, na qual o pregador estabelece o contexto, captura a atenção da congregação e apresenta o tema que será abordado. É uma parte essencial do sermão, pois define o tom e prepara os ouvintes para o que está por vir. A seguir, observe algumas diretrizes resumidas do que se espera de uma boa introdução:

- **Contato inicial.**

São as primeiras palavras do orador e servem para diminuir a tensão e criar um contato entre o orador e os ouvintes.

- **Apresentação do tema.**

Durante a introdução, é crucial que o tema ou assunto central seja claramente definido. O orador deve abordá-lo de maneira criativa e variada, garantindo assim que o tema seja apresentado de forma segura e abrangente.

- **Chamar a atenção.**

Durante a introdução, o pregador deve buscar capturar a atenção dos ouvintes, seja por meio de uma história envolvente, uma pergunta provocativa, uma citação relevante ou até mesmo uma observação pessoal impactante. Mas, especialmente, deve destacar a importância do tema para despertar o interesse e a curiosidade do público-alvo.

- **Contextualização.**

O pregador fornece um breve contexto sobre o tema que será abordado, explicando sua importância e relevância para a vida dos ouvintes. Isso ajuda a situar a congregação no assunto que será discutido.

- **Propósito.**

É importante que o pregador deixe claro o propósito do sermão, ou seja, o que ele espera alcançar ou comunicar aos ouvintes ao longo da mensagem. Isso ajuda a manter o foco e a direção do sermão.

- **Convocação.**

Uma vez que a mensagem não é apenas um mero anúncio de um conteúdo, mas um sermão direcionado à congregação, o pregador deve incluir na introdução um convite ao engajamento com o conteúdo da mensagem. Esse engajamento pode ser direto, ser apresentado de forma gradual através de falas dedutivas, ou até mesmo incluir uma oração.

- **Transição.**

Ao final da introdução, o pregador faz uma transição utilizando uma frase ou expressão transitória para conduzir ao desenvolvimento do sermão, indicando como ele irá abordar o tema e o que os ouvintes podem esperar do restante da mensagem. A construção da transição será estudada mais adiante.

6 – Proposição.

Proposição homilética é uma declaração clara e concisa que resume o ponto principal ou a mensagem central do sermão. Também conhecida como "ideia central" ou "tópico", a proposição homilética é uma frase que encapsula o tema ou objetivo do sermão de forma sucinta e memorável.

A proposição homilética é geralmente apresentada durante ou na conclusão da introdução. Ela serve como uma espécie de âncora para guiar o pregador e os ouvintes ao longo da mensagem, mantendo o foco e a coesão.

- **Deve ter clareza.**

Deve ser expressa de forma clara e compreensível para os ouvintes, evitando ambiguidades ou desvios do tema.

- **Deve ser concisa.**

Deve ser breve e direta ao ponto, sem excesso de palavras ou detalhes desnecessários. Quanto menos palavras, melhor.

- **Dever ter relevância.**

Deve refletir o tema principal do sermão e estar intimamente ligada ao propósito da mensagem.

- **Deve ser memorável.**

Deve ser formulada de maneira que seja fácil de lembrar e guardar na mente dos ouvintes.

- **Deve ser aplicável.**

Deve indicar claramente como o tema ou ponto principal do sermão se aplica à vida dos ouvintes e qual impacto prático ele pode ter.

- **Exemplo de proposições.**

“A oração persistente é uma poderosa ferramenta espiritual que pode transformar vidas.”

“O perdão não é uma escolha, mas uma necessidade para quer viver a vontade de Deus nos relacionamentos.”

“A gratidão dos justos é um antídoto à impiedade”

“Confiar em Deus é andar na contramão da direção do nosso coração.”

“Uma oração justa de verdade é uma justa oração contra a impiedade.”

“Na vida, não há penhor ou recompensa que compense mais do que a presença do Senhor.”

7 – Transição e palavra-chave.

A transição é uma frase previamente elaborada que será utilizada para estabelecer conexões entre as partes do sermão de forma fluida e coesa. Esta frase marca o fim da seção em andamento, reitera a harmonia entre as partes e introduz a próxima.

A palavra-chave na frase transitória é uma palavra ou expressão destacada que mantém a ligação entre as partes do sermão. O ideal é que essa palavra unifique os pontos e esteja presente no tema, sempre que possível.

A frase transitória deve manter a unidade e a repetição da palavra-chave de acordo com a sequência numérica das divisões do sermão.

- **Exemplos:**

“**Razões** para crer no evangelho da graça.”

“**Características** dos servos de Deus”

“**Pensamentos essenciais** para manter o foco na fé”

“**Efeitos espirituais** na vida de quem confia em Deus”

8 – Pontos divisórios.

Os pontos de divisão em um sermão são as seções principais que dividem e organizam o conteúdo da mensagem. Eles auxiliam na estruturação do sermão de forma lógica e coerente, permitindo que o pregador desenvolva e expresse seus argumentos de maneira clara e eficaz.

Cada ponto de divisão aborda um aspecto específico do tema do sermão e contribui para o objetivo geral da mensagem.

O ideal é que haja harmonia entre o tema, a proposição, a palavra-chave da transição e os pontos, mas, na mensagem expositiva, onde o foco é a explanação do conteúdo, nem sempre será possível ao pregador alcançar essa harmonização. Quando não for possível, o pregador expositivo optará por preservar o conteúdo.

- **Exemplo de pontos com dificuldade em harmonia.**

Tema: Em defesa da legitimidade do evangelho

Proposição: A legitimidade do evangelho se sustenta em uma palavra antiga.

Transição: Defesas da legitimidade do evangelho

Pontos:

- 1 – A palavra apostólica é um alicerce.
- 2 – A palavra apostólica não vem de homens.
- 3 – A palavra apostólica vem com testemunhos.

- **Exemplo de pontos em harmonia.**

Tema: Exigências que identificam o verdadeiro evangelho.

Proposição: Entre dois evangelhos, o verdadeiro exige renúncias, enquanto o falso promove adequações.

Transição: Exigências que identificam...

Pontos:

- 1 – Exige posicionamento.
- 2 – Exige integridade.
- 3 – Exige fidelidade.
- 4 – Exige sinceridade.

9 – Explicação e ilustração.

Para cada ponto, o pregador deve começar explicando o conteúdo e o texto bíblico para justificar a exposição. O pregador esclarece, interpreta e desenvolve o texto bíblico com base em observações hermenêuticas e

exegéticas para justificar sua leitura e proposta sobre o que está sendo abordado.

A ilustração em um sermão é uma ferramenta narrativa utilizada pelo pregador para tornar os conceitos e ensinamentos bíblicos mais claros, vívidos e memoráveis para a congregação. As ilustrações ajudam a esclarecer pontos difíceis, a captar a atenção dos ouvintes e a conectar as verdades bíblicas com a experiência cotidiana das pessoas.

Ilustrações podem ser histórias, citações, parábolas, comparações, analogias, metáforas, eventos históricos, eventos atuais, entre outros.

10 – Conclusão.

Na conclusão, como parte final da mensagem, o pregador resume os principais pontos abordados durante o sermão, reforça a proposição homilética e completa o raciocínio levantado durante a mensagem.

É um momento crucial para consolidar as ideias apresentadas, oferecer aplicações práticas e inspirar os ouvintes à ação ou reflexão.

11 – Aplicações.

Aplicações em um sermão referem-se à parte da mensagem na qual o pregador faz conexões práticas e relevantes entre os princípios ou ensinamentos abordados e a vida cotidiana dos ouvintes. Essas aplicações buscam fornecer orientações, desafios ou incentivos para que os ouvintes apliquem o que aprenderam em suas próprias vidas, promovendo assim a transformação pessoal e o crescimento espiritual.

- **Durante o sermão.**

A aplicação pode ser feita à medida que o sermão avança. Essa tem sido minha preferência pessoal. Nesse caso, o pregador aplica cada ponto ou faz pequenas aplicações a cada sentença. Isso inclui uma aplicação final na conclusão, porém sucinta.

- **No final do sermão.**

Nessa opção, o pregador não faz aplicações durante os pontos do sermão; ele deixa para o final, abrindo uma sessão para aplicações na conclusão. Nesse caso, ele optará por listar as aplicações da mensagem como um todo de uma vez.

12 – Esboço simplificado da pregação.

- Tema.
- Texto base.
- Introdução.
- Proposição.
- Transição.
- Pontos divisórios.
- Conclusão.

APÊNDICES

AVALIAÇÃO

A avaliação de processo de entrega de conteúdo sermão é o processo de analisar a apresentação com o objetivo de identificar pontos para melhoria. Esse processo pode ser realizado pelo próprio orador, por alguém direcionado por ele ou por colegas. A avaliação serve como um retorno em um ambiente confiável para ajudar o orador a melhorar.

- **Os critérios.**

As etapas de avaliação são aquelas que foram estudadas neste material; portanto, tanto o avaliador quanto o avaliado podem utilizá-lo como referência.

- **Notas.**

As notas de avaliação seguem o padrão de 1 a 5. O avaliador pode circular a nota que julgar adequada de acordo com as seguintes orientações:

1 e 2 – quando ficar abaixo do esperado. Nesse caso, é obrigatório que o avaliador justifique as razões para a nota, a fim de que o avaliado possa corrigir os pontos indicados.

3 e 4 – quando ficar dentro da média. Nesse caso, o avaliador deve justificar o que foi bom e, em seu ponto de vista, como pode melhorar.

5 – quando o avaliador julgar que o avaliado atingiu o exigido. Nesse caso, não é necessário justificar melhorias.

AVALIAÇÃO DA REFLEXÃO DEVOCIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliador: • Avaliado: • Data:
---	--

1 – Postura do orador:	<ul style="list-style-type: none"> • Representação: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Visual: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Linguagem: [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
-------------------------------	---

Observações	
--------------------	--

2 – Discurso Introdutório:	<ul style="list-style-type: none"> • As regras da conversa ficaram claras? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve encorajamento à reflexão? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O resumo do estudo foi adequado? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
---------------------------------------	--

Observações	
--------------------	--

3 – Gatilhos de conversa:	<ul style="list-style-type: none"> • As anotações foram bem formuladas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • As reflexões foram pertinentes? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • As aplicações foram adequadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
--------------------------------------	---

Observações	
--------------------	--

4 – Administração da reflexão:	<ul style="list-style-type: none"> • Qual foi a qualidade da transição? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Estimulou a participação? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Controlou a situação? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
---	--

Observações	
--------------------	--

AVALIAÇÃO DO ESTUDO DEVOCIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliador: • Avaliado: • Data:
---------------------------------------	--

1 – Sobre o esboço:	<ul style="list-style-type: none"> • O esboço do estudo foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
----------------------------	---

Esboço do estudo	<p>Tema:</p> <p>Proposição:</p> <p>Objetivos:</p> <p>Pontos centrais:</p>
-------------------------	---

2 – Postura do orador:	<ul style="list-style-type: none"> • Representação: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Visual: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Linguagem: [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
-------------------------------	---

Observações	
--------------------	--

3 – Conteúdo do estudo:	<ul style="list-style-type: none"> • O tema do estudo foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A proposição do estudo foi bem elaborada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Os objetivos foram claros e pertinentes? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • As explicações foram bem realizadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve ilustração e foi pertinente? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve reflexões e foram bem aplicadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve aplicações e foram bem adequadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve insinuação ao discipulado contínuo? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
--------------------------------	--

Observações	
--------------------	--

AVALIAÇÃO DA AULA DIDÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliador: • Avaliado: • Data:
-----------------------------------	--

1 – Sobre o esboço:	<ul style="list-style-type: none"> • O esboço do estudo foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
----------------------------	---

Esboço do estudo	<p>Tema:</p> <p>Proposição:</p> <p>Objetivos:</p> <p>Pontos centrais:</p>
-------------------------	---

2 – Postura do orador:	<ul style="list-style-type: none"> • Representação: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Visual: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Linguagem: [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
-------------------------------	---

Observações	
--------------------	--

3 – Conteúdo do estudo:	<ul style="list-style-type: none"> • O tema do estudo foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A proposição do estudo foi bem elaborada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Os objetivos foram claros e pertinentes? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • As explicações foram bem realizadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O método indutivo ou dedutivo foi observado? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Os recursos didáticos foram bem utilizados? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A frase transitória foi bem utilizada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A introdução foi satisfatória? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve ilustração e foi pertinente? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve reflexões e foram bem aplicadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve aplicações e foram bem adequadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A conclusão foi satisfatória? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
--------------------------------	---

Observações	
--------------------	--

AVALIAÇÃO DA PREGAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliador: • Avaliado: • Data:
------------------------------	--

1 – Sobre o esboço:	<ul style="list-style-type: none"> • O esboço da mensagem foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
Esboço do estudo	<p>Tema:</p> <p>Proposição:</p> <p>Objetivos:</p> <p>Pontos centrais:</p>
2 – Postura do pregador:	<ul style="list-style-type: none"> • Representação: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Visual: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Linguagem: [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
Observações	
3 – Conteúdo da pregação:	<ul style="list-style-type: none"> • O tema da mensagem foi claro? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A proposição foi bem elaborada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • As explicações foram bem realizadas? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A frase transitória foi bem utilizada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5]
Observações	

4 – A introdução:	<ul style="list-style-type: none"> • A leitura da bíblia foi feita com clareza? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O contato inicial foi eficaz? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A introdução capturou a atenção? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O tema ficou claro na introdução? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve convocação e foi bem realizada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] 	
Observações		
5 – Corpo do sermão:	<ul style="list-style-type: none"> • Os pontos foram bem elaborados? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Os pontos tinham harmonia? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O texto base foi explicado adequadamente? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O texto base tem coerência com o conteúdo? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A conclusão foi bem elaborada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A proposta foi alcançada na conclusão? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] 	
Observações		
6 – A entrega do sermão:	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação foi compreensível? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A linguagem foi variada e diversificada? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Houve inflexão, volume e clareza? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • A velocidade da fala e o uso de pausas: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Gestos e movimentos ao falar: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Contato visual com os ouvintes: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Expressões faciais: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Coerência e raciocínio lógico: [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • O pregador fugiu do tema? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] • Expressou com confiança? [1 – 2 – 3 – 4 – 5] 	
Observações		